



CARVALHO, Maria Leônia Costa; NASCIMENTO, Elislane de Goes. Representações do homem nordestino e manifestações do discurso épico moderno no livro *Ispinho e Fulô*. In: **Revista Épicas**. Ano 5, N. 9, Jun 2021, p. 97-112. ISSN 2527-080-X. DOI: <http://dx.doi.org/10.47044/2527-080X.2021v997112>

## REPRESENTAÇÕES DO HOMEM NORDESTINO E MANIFESTAÇÕES DO DISCURSO ÉPICO MODERNO NO LIVRO *ISPINHO E FULÔ*

### REPRESENTATIONS OF THE NORTHEAST MAN AND MANIFESTATIONS OF MODERN EPIC SPEECH IN THE BOOK *ISPINHO E FULÔ*

Maria Leônia Garcia Costa Carvalho<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Elislane de Goes Nascimento<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
Participante do Projeto de Iniciação Científica 2019/2020

**RESUMO:** Este trabalho tem o intuito de analisar cordéis/poemas da obra *Ispinho e Fulô*, de Patativa do Assaré, sob o olhar da Análise do Discurso de linha francesa, do conceito de *Ethos* e da Semiotização épica do discurso, para, assim, buscar as imagens discursivas do homem nordestino e identificar, nos cordéis, as características épicas. O *corpus* da pesquisa reúne seis poemas/cordéis que foram categorizados em dois subtemas: o homem e a terra, os quais se inter-relacionam para conceber as representações do Nordeste e de seu povo. A partir deles, pudemos identificar as imagens discursivas de homem forte e lutador, bem como o *ethos* de injustiçado em vez de miserável: um contraste com as imagens que geralmente são disseminadas acerca dele. Patativa também cria uma identidade heroica coletiva para o povo nordestino e, por meio da aproximação entre as características dos cordéis analisados e as do discurso épico, evidencia-se que ainda há formas de manifestação deste discurso na modernidade.

**Palavras-chave:** Cordéis; Semiotização épica do discurso; Ethos discursivo; Análise do Discurso; Patativa do Assaré.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the cordel literature/poems of the work *Ispinho e Fulô*, by Patativa do Assaré, under the perspective of French Discourse Analysis, the concept of *Ethos* and the epic Semiotization of discourse, thus, search for the discursive images of the Northeastern man and identify, in the cordel literature, the epic discourse

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail para contato: [marialeoniagarcia@yahoo.com.br](mailto:marialeoniagarcia@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5513-6840>

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Português na Universidade Federal de Sergipe (UFS) desde 2017. E-mail para contato: [elislanegoesnci@gmail.com](mailto:elislanegoesnci@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4320-6514>

characteristics. The research *corpus* brings together six poems/cordels that were categorized into two sub-themes: the man and the land, which are interconnected to conceive the representations of the Northeast and its people. From them, we were able to identify the discursive images of a strong and fighter man, as well as the *ethos* of the wronged rather than the miserable man: in contrast to the images that are generally disseminated about him. In the meantime, Patativa also creates a collective heroic identity for the Northeastern people and, through the approximation of the characteristics of the cordels and the characteristics of the epic discourse, he shows that there are still ways of manifesting this discourse in modern times.

**Keywords:** Cordel literature; Epic semiotization of discourse; Discursive Ethos; Discourse Analysis; Patativa do Assaré.

## Introdução

A região Nordeste do Brasil, ainda hoje marcada pelo imaginário determinista da seca, foi há muito tempo atingida por uma política de interesses que pretendia justificar o requerimento de verbas públicas em nome da falta de água, a qual era vista como a razão única para a fome e a miséria presentes na região. Sabe-se, no entanto, que tais recursos não tinham como destino a solução do problema, e esse era o real motivo de haver tanta disparidade de condições em comparação com o Sul, região da urbanização e do progresso, eleita como a representação de Brasil a ser vendida para o mundo.

Desde sua “invenção”, o Nordeste carrega a marca de ser o atraso do país, comumente associado à imagem de ambiente seco e habitantes de aparência abatida e frágil – e apenas a elas – juntamente à ideia de um povo essencialmente bruto e ignorante que constantemente foge do sertão. Apesar de décadas terem passado desde o ápice do movimento migratório, esse pensamento ainda faz parte do imaginário coletivo e se faz presente, por exemplo, nos incontáveis comentários xenofóbicos direcionados a seu povo que, na contemporaneidade, são ocorrências comuns nas redes sociais.

Parte da formação desse imaginário deve-se, ousamos dizer, ao que fora retratado por algumas obras literárias do período regionalista que, na tentativa de mostrar as vivências do sertanejo, até como forma de denúncia ao descaso político com a região Nordeste, acabou passando, também, pela reafirmação dos preconceitos de outrem a partir de interpretações distorcidas da realidade. Assim, uma grande obra como “Vidas secas” de Graciliano Ramos, por exemplo, a qual narra a trajetória de uma família de retirantes em busca de condições de vida menos áridas, não raro é vista como o retrato fiel e persistente da vida do povo de toda uma região.

Como na prosa regionalista, Patativa do Assaré, poeta popular nordestino, nascido em Assaré/Ceará, traz, em seus poemas e cordéis, as vivências e o caráter do povo nordestino, denunciando também a ausência estatal, mas de forma mais direta e, desse modo, menos suscetível a errôneas generalizações. Com sua linguagem simples, o poeta cearense carrega, em seu discurso, a mesma força crítica e imaginativa dos mais renomados e vai além do lugar comum ao mostrar também um “outro lado” do que é ser Nordeste.

Haja vista tamanha importância da obra de Patativa do Assaré, buscamos, com este trabalho, aprofundarmo-nos no estudo de seus poemas e cordéis, ao tempo em que procuramos dar visibilidade a uma literatura nossa que, em essência, ocupa-se com a nossa terra e com o nosso povo. Visando tal

aprofundamento, objetivamos entender a ação do interdiscurso na construção social dos discursos presentes em seus poemas; estabelecer uma relação dialética entre esses discursos e a estrutura social; identificar, nos poemas em estudo, as imagens construídas sobre o homem nordestino, além de investigar os aspectos de intenção épica neles presentes.

Segundo Silva e Ramalho (2007, p.23), “as imagens do mundo são elaborações discursivas totalizadoras do universo humano-existencial, macroestruturas semióticas hierarquizadas no seio das quais as criaturas humanas realizam a experiência existencial de ser e estar no mundo”. Tais imagens se apresentam por meio de formações discursivas presentes na memória do dizer. Carvalho (2012) assevera que a relação do discurso com a história e, evidentemente, com a ideologia, implica a ação eficaz do imaginário como razão dinâmica das relações humanas, que institui práticas sociais. Nesse espaço discursivo, também se constituem o sujeito e o sentido. Daí nossa intenção de explorar as imagens do nordestino nos cordéis de Patativa do Assaré, poeta sertanejo, fruto dessa “experiência existencial de ser e estar” no Nordeste.

Quanto ao gênero dos poemas utilizados - o cordel - consideramos que traz em si uma intenção épica. Embora, na literatura atual, haja a concepção de esgotamento desse gênero, o qual, afirma-se, teria sido incorporado à narrativa de ficção como resultado de uma transformação natural. Essa concepção, no entanto, já foi refutada por Anazildo Vasconcelos da Silva (2017), com quem concordamos. Dessa forma, partimos do pressuposto de que, nessa ideia de fusão do gênero épico ao narrativo reside um equívoco entre as facetas crítica e teórica da proposição Aristotélica dos gêneros textuais literários e, para também refutá-la, iremos nos valer de cordéis de Patativa do Assaré, os quais serão analisados sob o olhar da semiotização épica do discurso.

A fim de atingirmos os objetivos propostos, tomamos como base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, a partir da obra “Análise de discurso: princípios e procedimentos”, de Eni Orlandi; bem como o conceito de Ethos discursivo abordado por Dominique Maingueneau, que consideramos de grande importância para uma análise precisa desse imaginário. Além disso, ao perceber certa analogia entre poemas de Patativa e o discurso épico, buscamos investigá-los, também, com base em Silva (2017), Silva e Ramalho (2007) , e Kothe (1987). Para melhor contextualização da obra de Patativa do Assaré, tomamos como base algumas outras obras, especificamente sobre o Nordeste, as quais citaremos mais adiante, na discussão.

Essa investigação, ao levar em consideração os processos de construção do sentido conforme a Análise do Discurso, bem como o *ethos* discursivo e, principalmente, a aproximação do ‘cordel’ com o gênero épico, além de amplificar a visão sobre a Literatura popular e sua ligação com o contexto histórico-ideológico, possibilita uma reflexão acerca de um gênero que tem sido pouco explorado e um questionamento quanto à pertinência desse apagamento.

## Pressupostos teórico-metodológicos

### 1.1 A Semiotização Épica do Discurso

O gênero épico é constituído por várias manifestações do discurso épico: a epopeia, o poema narrativo, o poema heroico-cômico, o poema longo com intenção épica e o que mais nos interessa: o cordel com intenção épica. Conforme Silva (2017), o discurso épico, no geral, é caracterizado por uma dupla instância da enunciação, a lírico-narrativa, assim nomeada porque sua formação se dá a partir da junção dos gêneros lírico e narrativo, de modo a formar sua natureza de discurso híbrido. Salienta-se, contudo, que o espaço desses dois gêneros no interior dos discursos pode não ser tão equilibrado, de modo que um pode se sobressair em determinada produção ou em determinada época. Nesse sentido, Silva (2017) explica que, com o passar do tempo, houve oscilações da predominância de um gênero sobre o outro, e que isso não o descaracteriza como um discurso essencialmente híbrido, apesar de haver discordância entre os estudiosos ao longo da história literária. Para melhor esclarecer essa questão, é necessário, portanto, com o auxílio de Anazildo Vasconcelos da Silva, 1) estabelecer a distinção entre teoria e crítica e 2) refazer seu percurso histórico, que tem início com Aristóteles; ambas, discussões decisivas para a legitimação dessa hibridéz.

Segundo Silva (2017), há uma diferença significativa entre teoria e crítica: a primeira é uma reflexão sobre o discurso e tem caráter universalizante, ou seja, pode ser aplicada a qualquer manifestação de determinado discurso, no caso, o épico; a segunda, por sua vez, é uma reflexão sobre a manifestação do discurso, por isso tem caráter particularizante, ou seja, aplica-se apenas a um recorte específico para o qual ela foi elaborada. A proposta para o discurso épico feita por Aristóteles, de acordo com Silva (2017), consistiu em uma reflexão sobre sua manifestação, considerando desde a produção grega até o seu tempo, ou seja, uma proposição de caráter particularizante, de natureza crítica, que só valeria para a epopeia grega, e não para todas as manifestações posteriores do discurso épico. Porém, foi dessa forma que a proposta foi tomada por seus discípulos, que a consideraram como uma proposição teórica, o que desencadeou o pensamento de que o gênero épico teria se esgotado e de que teria havido uma natural fusão da epopeia ao romance histórico. Isso ocorreu porque,

Na antiguidade, devido ao investimento da matriz épica clássica do discurso, a instância de enunciação narrativa predomina sobre a instância lírica, e Aristóteles vai assinalar corretamente, é claro, a essencialidade narrativa da epopeia grega. Com a conversão da proposta crítica de Aristóteles em teoria do discurso épico, impôs-se o reconhecimento da epopeia apenas por sua instância narrativa, predominante na elaboração discursiva da épica clássica, fazendo com que a crítica, inadvertidamente, arrolasse a epopeia ao gênero narrativo, figurando-a ao lado da narrativa de ficção. À medida que, por uma injunção natural da evolução das formas artísticas, a instância de enunciação lírica começa a adquirir maior relevância e se vai sobrepondo gradualmente à instância narrativa até alcançar a predominância, a crítica deixou de reconhecer a existência de epopeias legítimas (SILVA, 2017, p.11-12).

Sabe-se, além disso, que o discurso é passível de diferentes manifestações, de modo que, parafraseando Silva (2017), autores do Romantismo, Parnasianismo e Modernismo, por exemplo, ao utilizar o gênero lírico, o manifestam de acordo com a concepção literária de sua época. Assim, compreende-se que Aristóteles define apenas uma das manifestações do discurso épico, de acordo com a concepção Clássica,

especificamente, e não qualquer outra posterior. Por isso, afirma Silva (2017), aplicá-la hoje seria transformar uma das manifestações do discurso no próprio discurso (caráter teórico) e exigir que houvesse epopeias gregas ontem, hoje e sempre.

Além de questões de definição, é necessário conhecer também as especificidades do discurso épico, cujas manifestações são construídas a partir de uma matéria épica. Segundo Silva (2017), a matéria épica possui uma dimensão real e outra mítica, constituídas coletivamente no seio de uma determinada cultura e através da ação criativa do poeta, respectivamente, e que, quando recriadas na forma poética da epopeia (e somente assim), adquirem sua natureza literária. A formação dessa matéria apresenta dois processos de fusão do fato histórico com o mito: o cultural e o literário. No primeiro, a matéria épica é uma construção coletiva sobre um feito histórico, mediante uma aderência mítica que se funde a partir do momento em que a grandiosidade do feito começa a ultrapassar os limites do real. No segundo, a matéria épica é uma ação criativa do poeta, que intervém nas representações socioculturais, fundindo referenciais históricos com referenciais míticos que já possuem relevância no seio de uma comunidade.

Além desses referenciais, o herói, que nas epopeias pós-modernas passa a ser uma identidade heroica, está presente em todas as manifestações do discurso épico. Ele tem uma dupla condição existencial: a humana, que lhe é natural e é necessária para a realização do feito histórico; e a mítica, necessária para a realização do feito maravilhoso, o qual aqui é visto não necessariamente como algo fora dos limites do real, mas como algo que possui caráter de grandiosidade, que é capaz de deixar um legado. Soma-se a isso o *ethos* cultural (SILVA, 2017), isto é, as características das atitudes e dos sentimentos dos indivíduos de um povo que constroem a identidade heroica e produzem, dessa forma, o tipo de herói com o qual a comunidade se identifica, por reconhecer a transfiguração mítica de sua história, seu povo e sua nação (conceituação que dialoga com o *Ethos* discursivo). Em epopeias brasileiras, especificamente, encontra-se a identidade guerreira que alcança a glória com a morte digna no campo de batalha; não obstante, o mesmo fato se encontra, também, em cordéis de intenção épica. É o caso do cordel intitulado *Antônio Conselheiro*, por exemplo, nome de um dos maiores heróis do Nordeste, senão o maior, que evidencia como o discurso épico se manifesta ainda hoje na literatura latino-americana, especificamente na literatura brasileira popular.

## 1.2 A Análise do Discurso

A linha de Análise de Discurso (doravante AD) aqui adotada tem início nos anos 1960, na França, inserida em uma conjuntura intelectual interessada em explicar os textos através da análise de seu conteúdo. A AD, no entanto, surge para questionar *como* o texto significa, valendo-se da afirmação de que a língua não é transparente, “desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado” (ORLANDI, p.17), mas procura, nessa opacidade, entender como os sentidos são produzidos no discurso que, por sua vez, é atravessado pela ideologia e produzido por um sujeito inevitavelmente inserido na história. Assim, a base interdisciplinar que possibilita a Análise de Discurso forma-se na inter-relação Linguística-Marxismo-Psicanálise, que resulta num campo de estudo cujo objetivo consiste em compreender o

funcionamento da língua em uso pelos sujeitos e sua produção de sentidos, atentando-se ao fato de que são afetados pela história.

Em consonância com Orlandi (2001), esses sentidos e seus efeitos são produzidos em determinadas condições de produção que podem ser percebidas nos dizeres pelo modo como se diz, por meio das margens/pistas desse dizer, que carregam características de determinada época, com todo o seu contexto. As condições de produção podem ser consideradas em sentido estrito, que são as circunstâncias imediatas da enunciação; e em sentido amplo, que corresponde ao contexto sócio-histórico/ideológico, o qual é passível de identificação por conta do interdiscurso (ou memória discursiva):

[...] definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra (ORLANDI, 2009, p.31).

Assim, os dizeres significam não só pela língua, mas também pela história, porque houve um dizer anterior que o nutriu e que é acessado inconscientemente pelo interdiscurso no processo de produção de cada dizer. Justamente por estar no nível do inconsciente, o sujeito pensa que é a fonte adâmica dos seus próprios dizeres e que controla plenamente os sentidos que deseja produzir, “mas não tem o acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele” (ORLANDI, p.32), visto que há um conjunto de formulações anteriores, já dotadas de sentido, que determinam o que dizemos através da memória.

Segundo Orlandi (2001), isso ocorre devido ao esquecimento segundo o qual temos a ilusão de ser a origem do que dizemos, quando estamos apenas retomando sentidos preexistentes e acreditamos não existir uma forma diferente de dizer o que dizemos. Por isso, de acordo com Orlandi (2001), considera-se que o funcionamento da linguagem se dá na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos. Os processos parafrásticos são como um “retorno aos mesmos espaços do dizer”, o que permanece, ou seja, a memória. Já os processos polissêmicos são os vários sentidos que podem ser suscitados por um mesmo objeto simbólico, pois podem significar de maneiras diferentes a depender de como o sujeito que o produz se inscreve na história.

Outro mecanismo de funcionamento do discurso apontado na obra de Orlandi (2001) é o da antecipação do sentido que o sujeito busca produzir no outro: ao colocar-se no lugar do ouvinte, o sujeito tem a possibilidade de moldar sua argumentação para produzir o efeito desejado – estratégia bastante utilizada no meio político, a qual tem relação com o *ethos*, do qual falaremos mais adiante. Além da antecipação feita pelo próprio sujeito, temos a que é feita pelo seu ouvinte/espectador que, sabendo qual é o lugar a partir do qual fala o sujeito e considerando, além da aparência, a estratificação social, consegue perceber o tipo de discurso que irá ouvir.

Esses mecanismos de funcionamento do discurso compõem as formações imaginárias, que são as imagens que projetamos de quem fala/ouve. O sujeito possui seu lugar empírico na sociedade, mas são as projeções que fazemos dele que funcionam discursivamente, e elas significam em relação ao contexto sócio-

histórico e à memória, isto é, se considerarmos aqui um homem nordestino qualquer, na produção de discurso/sentido, o que funciona não é o nordestino visto empiricamente, mas o nordestino enquanto posição discursiva produzida pelas formações imaginárias.

Vinculada a isso, há também a formação discursiva, que segundo Orlandi (2001) é definida como “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito”. Desse modo, as formações discursivas representam, no discurso, as formações ideológicas de cada sujeito e é a partir daí que se pode compreender os diferentes sentidos de um discurso.

Para a análise dos sentidos construídos em uma textualidade, temos o Ethos como conceito discursivo fundamental, o qual atua de forma encaixante com relação aos mecanismos apontados por Orlandi (2001). *Ethos* é uma palavra de origem grega que significa “conduta” e geralmente faz referência ao conjunto de comportamentos (condutas) adotados por uma coletividade, que acabam construindo uma identidade que lhes é particular. Essas condutas, para a análise discursiva, são consideradas no interior de uma conjuntura sócio-histórica e criam uma imagem a partir dos atos de enunciação, tanto em situações de oralidade quanto de escrita, sendo a primeira a forma mais citada pelos estudiosos, pelo fato de estabelecer uma ligação estreita com a publicidade. Aqui, no entanto, nosso interesse recai sobre o *ethos* percebido na escrita, que nos dá pistas para identificarmos traços identitários característicos de tal ou qual formações discursivas.

Nos casos em que o sujeito precisa fazer uma apresentação para o público, cujo objetivo é a persuasão, costuma-se considerar desde a vestimenta do orador até os gestos, desde o tom de voz até as expressões faciais. Nos textos escritos, apesar de não termos um visual a zelar, temos ainda o tom. Como afirma Maingueneau (2008),

Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo do enunciador (e, bem entendido, não do corpo do locutor extradiscursivo), a um “fiador”, construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação. O termo “tom” tem a vantagem de valer tanto para o escrito como para o oral (MAINGUENEAU, 2008, p.18).

Dessa forma, pode-se afirmar que, em ambas as situações enunciativas, seja oral-visual, seja escrita, o público identifica uma imagem do locutor: no primeiro caso, uma imagem presente; no segundo caso, uma imagem virtual. Esta é percebida através das representações de si e do mundo que lhe conferem uma identificação com determinado lugar no espaço social, bem como uma corporalidade característica.

### **1.3 Análise do corpus**

Os discursos acerca do Nordeste brasileiro, assim como todos os outros, são determinados por suas condições de produção, as quais possibilitam a construção dos efeitos de sentido; e, como já dito, essas condições têm relação com o contexto, que pode ser considerado estritamente ou amplamente, ambos

complementares para a análise e perceptíveis através de marcas ou “pistas” passíveis de identificação por meio do interdiscurso, da memória discursiva.

Em sentido estrito, considera-se o contexto imediato à produção, em que, tratando-se de uma região geográfica, cabe refletir sobre as condições naturais e econômicas, tão marcadas ao tratar-se de Nordeste. A região não é homogênea: tem como formadoras quatro sub-regiões, cada uma com suas particularidades: a primeira é a parte costeira, na qual

Chove muito e, por isso mesmo, cresceu ali uma mata frondosa, chamada de Zona da Mata. Nessa zona costeira úmida se planta a cana de açúcar que, durante séculos, foi a principal atividade do Brasil-Colônia e continua a ser plantada nos dias de hoje (DE NYS et al. 2016, p. 20).

Essa faixa territorial é caracterizada ainda como imune às secas; outra sub-região é o Agreste, que é localizada entre a costa e o semiárido, área que “produz gêneros alimentícios, pratica a pecuária de pequena escala e sofre com as secas”(DE NYS et al. 2016, p. 20); há o Sertão (Semiárido), que se ocupa da produção alimentícia e de “uma pecuária tradicional, incluindo bovinos, ovinos e caprinos”(DE NYS et al. 2016, p. 21) e trata-se da região que mais sofre com as secas; e, no Maranhão, há ainda uma zona de transição chamada de Meio-norte ou Pré-Amazônia, que possui condições climáticas semelhantes à Zona da Mata.

O clima, que apesar de ser realmente marcado pelas altas temperaturas e pelos longos períodos de estiagem, é um pouco mais diverso, geralmente classificado em: tropical, semiárido e equatorial úmido. Entre esses, no entanto, o clima semiárido é o que tem mais notoriedade socialmente, porque é na região em que ele se faz presente que mais ocorrem as tão comentadas secas nordestinas, as quais acarretam as consequências socioeconômicas que, em grande parte do século XX, foram responsáveis pelo fluxo migratório. Isso possibilitou, então, a formação dos discursos estereotípicos acerca do ambiente e de seus habitantes, os quais, por sua vez, constituem as condições de produção em sentido mais amplo.

Nesse sentido (amplo), considera-se o contexto sócio-histórico, o qual nos leva aos discursos sobre o Nordeste e sobre o nordestino que, impregnados de ideologia, mantêm estreita relação com a época à qual são vinculados e na qual são veiculados. Tais discursos remontam também ao século XX e estão estreitamente ligados às ideias evolucionistas, portanto, racistas, pois colocam a raça miscigenada (majoritária no Nordeste) em uma posição de inferioridade; bem como às ideias deterministas, que reproduzem estereótipos do homem imutavelmente bruto e esmolambado, características essas consideradas como um resultado do meio geográfico-meteorológico.

Com relação a isso, Albuquerque Jr. (2011) chama atenção para a regionalização nordestina entre as décadas de 20 e 40, período no qual se buscava a construção de uma identidade nacional *verdadeira* e em que “especialistas e curiosos” do Sul passaram a visitar e tomar nota das outras regiões, incluindo a Nordeste, a fim de conhecer o que nelas havia. Como resultado,

Esses relatos fundam uma tradição, que é tomar o espaço de onde se fala como ponto de referência, como centro do país. Tomar seus “costumes” como os costumes nacionais e tomar os costumes das outras áreas como regionais, como estranhos (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 54).



Tal tipo de relato também foi feito, segundo Albuquerque Jr (2001), por um jornalista de “O Estado de S. Paulo”, o qual produziu uma série de artigos intitulados “Impressões do Nordeste”, nos quais destaca-se a inferioridade racial do seu povo, e logo após iniciou uma outra série intitulada “Impressões de São Paulo”, utilizando a estratégia da diferença para declarar sua superioridade “que se sustenta no desprezo pelos outros nacionais e no orgulho de sua ascendência européia e branca” (p. 57). Esses discursos foram perpetuados na memória discursiva de muitos brasileiros, tornando-se interdiscursos, e passaram a fundamentar tantos outros semelhantes Brasil afora, o que, por sua vez, deu margem à produção de discursos contestadores, tais como os de Patativa do Assaré - cognome do cearense Antônio Gonçalves da Silva - assim chamado pelo fato de pessoas da região assemelharem seus cordéis orais ao canto melodioso de um pássaro chamado patativa, típico da região em que nasceu, na Serra de Santana, a 18Km da cidade de Assaré, onde viveu. Embora com pouca instrução, Patativa, mais do que ninguém, conhecia o povo nordestino, pois fazia parte dele e, em consequência de sua sensibilidade e seu amor pela terra, ele passou a escrever e retratar a vida sofrida e árida do povo do sertão.

O Nordeste brasileiro é representado, na obra de Patativa do Assaré, em suas várias facetas, entre as quais foram escolhidas a caracterização do homem da região e sua relação com a terra-sertão, porque evidenciam um outro lado do que é ser nordestino e nos ajudam a compreender o porquê de sua persistente representação estereotipada. Os poemas escolhidos para análise são: “A triste partida”, “Um cearense desterrado”, “Nordestino, sim, nordestinado, não”, “Reforma agrária”, “O boi Zebu e as formigas” e “Antônio Conselheiro”. Consideramos tais textos fundamentais para a análise das diversas facetas discursivas que nos propomos a analisar, visto que eles refletem tanto a forma pela qual o homem nordestino é visto (discursivamente) pelo “Brasil de baixo” (a parte Sul do país), como também a visão de Patativa do Assaré a respeito do homem nordestino. Além disso, os poemas deixam transparecer as características do gênero épico, embora este gênero tenha sido considerado como esgotado.

Tomaremos, inicialmente, para análise, alguns excertos do poema “A triste partida”, que enfoca dois pontos comuns nos discursos sobre o Nordeste: a seca e a miséria. Nele, o autor retrata, através da passagem temporal de setembro a março, o penar do sertanejo à espera da chuva, assim iniciando:

Setembro passou, com outubro e novembro,  
Já tamo em dezembro,  
Meu Deus que é de nós?  
Meu Deus, meu Deus!  
Assim fala o pobre do seco Nordeste  
Com medo da peste,  
Da fome feroz.  
(Ai, Ai, Ai)  
(1)

Nesse trecho inicial, é possível identificar um poema de cunho narrativo com alguns elementos épicos, embora retrate o lamento do povo nordestino (personagem central que representa o herói coletivo) pela falta de chuva que lhe traz a peste e a fome (o trágico) e, em consequência, o desespero e a fuga. Seria o

momento da queda ou rebaixamento do herói, como ocorre na *Ilíada*, em que Heitor, com medo da morte, foge, sentindo-se vencido e tripudiado. Segundo KHOTE (1987, p.14), “[...] à medida que o herói épico decai em sua “epicidade”, ele tende a crescer em sua “humanidade” e nas simpatias do leitor/espectador”.

Percebe-se, no poema, uma construção parafrástica, mantida ao longo do tempo pelo mecanismo da memória, que coloca o homem nordestino sempre na posição cansada da espera por uma chuva que não vem. É fato que essa é uma realidade entre as vivências do sertanejo, mas sabe-se que não é a única, tampouco é vivida o tempo inteiro. Contudo, certamente, é a imagem recuperada ao se falar da região, por conta de todo o conjunto de formulações já feitas acerca dela, que estão fortemente enraizadas no imaginário de grande parte do país. Por conta disso, a imagem que se perpetua, considerada única, reflete uma posição discursiva produzida pelas formações imaginárias, e não a posição empírica do sujeito nordestino.

Já na quinta e sexta estrofes, Patativa descreve o momento em que acabam-se as esperanças e a migração passa a ser vista como a única solução:

Mas nada de chuva!  
Tá tudo sem jeito,  
Lhe foge do peito  
O resto da fé.  
(5)

Agora pensando segui outra tria,  
Chamando a famia  
Começa a dizê:  
Eu vendo meu burro, meu jegue e cavalo,  
Nós vamo a São Paulo  
Vivê ou morrê.  
(6)

Tem-se, nessas estrofes, a descrição da conjuntura sócio-histórica em que os estereótipos negativos surgiram. A cidade de São Paulo foi o destino de muitos nordestinos à época de produção do poema, que, assim como a família nele retratada, depois de muito tempo esperando pela chuva inutilmente, decidiram mudar-se para onde ela não precisa ser tão aguardada, tendo como paradeiro, não raro, tal cidade do Sul<sup>3</sup>. E nessas terras quase estrangeiras, Patativa assim descreve a vida que leva o pobre retirante:

Do mundo afastado, sofrendo desprezo  
Ali veve preso,  
Devendo ao patrão.  
O tempo rolando, vai dia, vem dia,  
E aquela famia  
Não vorta mais não!  
(18)

---

<sup>3</sup> Em “Ispinho e fulô”, Patativa do Assaré nomeia, muitas vezes, a região Nordeste como Norte e a cidade de São Paulo como Sul, em uma divisão geográfica mais ampla que hoje já não está em uso.

Nessa estrofe, após deslocar-se para São Paulo, o nordestino, como um guerreiro, não se esgota em enfrentar as inúmeras dificuldades e os obstáculos que surgem em seu caminho; ainda que, em sua caminhada, sofra derrotas, elas permanecem externas a ele. Para Kothe (1987, p. 15), “o que ajuda a engrandecer o herói épico clássico é a sua dimensão trágica. O herói épico é o sonho de o homem fazer sua própria história”.

Percebe-se na estrofe acima, também, a posição de subserviência do nordestino em relação ao sulista e, conseqüentemente, a posição de inferioridade do Nordeste em relação a São Paulo, visto que esta era uma cidade em desenvolvimento, sinônimo do progresso, onde havia condições amenas de vida e trabalho, criando-se, então, o mito de uma cidade refúgio, já que havia possibilidade de trabalhar e crescer, o que acarretou a grande migração de nordestinos. No entanto, a cidade acaba tornando-se uma prisão por conta das condições a que são submetidos os retirantes, que eram apenas mão de obra barata em um lugar onde as políticas públicas não acompanhavam o crescimento populacional advindo da migração. Tal inversão evidencia, portanto, a ilusão da São Paulo evoluída, ao mostrar quem paga o preço pela suposta evolução, fato que não é recuperado pelo imaginário coletivo, uma vez que os discursos que permeiam a formação imaginária da cidade são marcados por características positivas e, dessa forma, destacam-se pelo contraste.

Assim como em “A triste partida”, temos no poema “Um cearense desterrado” a odisséia de um retirante a vagar por outras terras, como o próprio eu lírico diz: “caçando o que não perdeu”. Neste poema, nada é dito sobre os motivos que o levaram a partir, mas o que há de muito comum às narrativas dos retirantes (seja por quaisquer motivos) é o interdiscurso sobre a impossibilidade da volta e a saudade sempre presente da terra natal. Resumem este cordel as estrofes seguintes:

Quando eu tinha dezoito ano  
Me larguei de mundo afora  
Assim à moda cigana  
Que onde chega não demora,  
E hoje sem vê minha gente,  
Véio, cansado e doente,  
Me doendo as carne e os osso  
Tou prisionêro daqui  
Como tatu no giqui,  
Quero vortá mas não posso.  
(3)

Meus querido conterrano  
Iscute o que eu tou dizendo  
Pra não sofrê o desengano  
Do jeito que eu tou sofrendo,  
Tope fome, peste e guerra  
Mas não dêxe a sua terra,  
Tenha corage, resista,  
Não quêra mudá o destino,  
O Sul é para o sulino  
E o Norte é para o nortista.  
(8)

Aqui Patativa desconstrói, mais uma vez, a imagem salvadora do Sul, ao mostrar o desengano daquele que vai e, não havendo lá melhores condições, gostaria de voltar. De tal modo, o poeta traz, em sua obra, uma nova formação discursiva de caráter parafrástico, por ser mantida em diferentes poemas/cordéis, já não pautada no lugar comum dos discursos sobre a migração nordestina para São Paulo, mas na tentativa de sua reversibilidade.

Já em “Nordestino, sim, Nordestinado, não” (como em alguns outros), Patativa investe sua crítica aberta à política e seus desdobramentos no sertão, estes que motivam o movimento migratório. Nele, com pinceladas de uma religiosidade tão comum à nossa região, ele denuncia com clareza os culpados, não pela seca, mas pela falta de assistência aos problemas que a partir dela ocorrem:

Não é Deus que nos castiga,  
Nem é a seca que obriga  
Sofrermos dura sentença,  
Não somos nordestinados,  
Nós somos injustiçados  
Tratados com indiferença.  
(4)

Sofremos em nossa vida  
Uma batalha renhida  
Do irmão contra o irmão,  
Nós somos injustiçados,  
Nordestinos explorados,  
Mas nordestinados, não.  
(5)

Mas não é o Pai Celeste  
Que faz sair do Nordeste  
Legiões de retirantes,  
Os grandes martírios seus  
Não é permissão de Deus,  
É culpa dos governantes.  
(9)

Esse cordel deixa muito claro o caráter inventivo da imagem do nordestino, à medida que põe em evidência a causa dos problemas vividos pela região, que é a negligência política. Dessa forma, o discurso determinista que aponta a seca como a grande mazela da região Nordeste é superado e tem-se a substituição de um *ethos* de nordestino miserável pelo *ethos* de injustiçado, ou, como Patativa poetizou, de nordestinado a nordestino. E tudo isso o faz a partir da posição empírico-discursiva do próprio nordestino/sertanejo, que lhe confere legitimidade.

Uma das soluções apontadas por Patativa para amenizar o sofrimento desse povo é expressa logo no título do poema “Reforma Agrária”. No entanto, o que mais chama a atenção é o tom de exaltação e de incentivo à luta:

Pobre agregado, força de gigante,  
Escuta amigo o que te digo agora,  
Depois da treva vem a linda aurora

E a tua estrela surgirá brilhante.  
(1)

Pensando em ti eu vivo a todo instante,  
Minha alma triste desolada chora  
Quando te vejo mundo afora  
Vagando incerto qual judeu errante.  
(2)

Para saíres da fatal fadiga,  
Do horrível jugo que cruel te obriga  
A padecer situação precária  
(3)

Lutai altivo, corajoso e esperto  
Pois só verás o teu país liberto  
Se conseguires a reforma agrária.  
(4)

No verso “Pobre agregado, força de gigante”, tem-se, ao mesmo tempo, a reafirmação de uma característica de degradação, que suscita uma imagem “murcha”, e a atribuição de uma característica própria dos vencedores, que suscita uma imagem gloriosa –“força de gigante”–, um traço identitário do homem nordestino, a quem, num tom de interpelação e exaltação, faz um presságio de um futuro glorioso: “E a tua estrela surgirá brilhante”. Outro traço desse poema é o lirismo que se sobressai em especial na segunda estrofe, quando o eu lírico sofre e chora ao ver o nordestino “vagando incerto qual judeu errante”.

Também é possível perceber no poema a grande preocupação do poeta do Assaré: e não é a seca, que, discursivamente, funciona como sentença definitiva. Patativa nos permite, assim, refutar a história única desta região, que expõe um homem “nordestinado”. Além disso, faz-se presente uma das características mais marcantes da obra “Ispinho e Fulô”: a busca pela igualdade, esta que se acredita poder ser alcançada pela comunidade.

De forma mais sutil, pois metafórica, no poema “O boi Zebu e as formigas” há também certa exaltação à coletividade, numa construção que coloca em evidência a força conjunta como a solução de encontro ao descaso. O boi Zebu, fugindo do sol, decide descansar à sombra de um juazeiro, mas acaba deitando-se por cima de um formigueiro que está embaixo dele. As formigas, então, cumprem “a sua obrigação”:

Com a feição de guerrêra  
Uma formiga animada  
Gritou para as companhêra:  
-Vamo minhas camarada  
Acabá com o capricho  
Deste ignorante bicho  
Com nossa força comum  
Defendendo o formiguêro  
Nós somo muntos miêro  
E este zebu é só um.  
(6)

As formiga a defendê

Sua casa, o formiguêro,  
Botando o boi pra corrê  
Da sombra do juazêro,  
Mostraro nesta lição  
Quanto pode a união;  
Neste meu poema novo  
O boi zebu qué dizê  
Que é os mandão do podê,  
E estas formiga é o povo.  
(9)

Tanto “O boi zebu e as formigas” quanto “Reforma agrária” reforçam o *ethos* do nordestino guerreiro, ou melhor, lutador, pois a luta, mais fortemente que a seca, o constitui. Advém dessa característica atribuída ao povo nordestino, neste trabalho, a consideração de uma *identidade heroica coletiva*. Embora haja muitos heróis como Antônio Conselheiro e tantos outros, aos quais Patativa dedicou também os seus cordéis, consideramos essa coletividade um traço constituinte dessa heroicidade, já que, sem ela, a luta de um único *Conselheiro* não resultaria jamais em qualquer mudança.

Nota-se, assim, a crença na mudança através da luta e da união do povo, tal como ocorreu em Canudos, na Bahia, em um arraial sob a liderança de Antônio Conselheiro, o qual conseguiu atrair milhares de sertanejos que, como ele, acreditavam na comunidade enquanto possibilitadora de uma vida melhor e recusavam a República recém-formada. Por isso, foram chamados de fanáticos monarquistas e receberam ataques do governo. Poeticamente, conta Patativa este episódio em um dos seus poemas, que leva o nome do líder Conselheiro:

Mediante a sua instrução  
Naquela sociedade  
Reinava paz e união  
Dentro do grau de igualdade,  
Com a palavra de Deus  
Ele conduzia os seus,  
Era um movimento humano  
De feição socialista,  
Pois não era monarquista  
Nem era republicano.  
(7)

Desta forma na Bahia  
Crescia a comunidade  
E ao mesmo tempo crescia  
Uma bonita cidade,  
Já Antonio Conselheiro  
Sonhava com o luzeiro  
Da aurora de nova vida,  
Era qual outro Moisés  
Conduzindo seus fiéis  
Para a terra prometida.  
(8)

E assim bem acompanhado  
Os planos a resolver  
Foi mais tarde censurado

Pelos donos do poder,  
O tacharam de fanático  
E um caso triste e dramático  
Se deu naquele local,  
O poder se revoltou  
E Canudos terminou  
Numa guerra social.  
(9)

Quem andar pela Bahia  
Chegando ao dito local  
Onde aconteceu um dia  
O drama triste e fatal,  
Parece ouvir os gemidos  
Entre os roucos estampidos  
E em benefício dos seus  
No momento derradeiro  
O nosso herói brasileiro  
Pedindo a justiça a Deus.  
(11)

Vê-se, na narrativa poética, não só os fatos ocorridos, mas a construção de um herói. Há, neste cordel, quatro pontos comuns com relação à epopeia que merecem ser salientados, conforme Silva (2017): i) trata-se da recriação de um fato histórico em forma de poema (a revolta de Canudos), logicamente escrito por um poeta, no caso Patativa do Assaré – o que é essencial na epopeia; ii) a recriação é feita utilizando, além do poema, a narração, e isso lhe outorga a mesma hibridez da instância lírico-narrativa presente nas manifestações do discurso épico; iii) percebe-se nela a fusão entre o elemento histórico e o elemento mítico/divino, por meio do processo cultural de aderência deste, o que acaba conferindo a Antônio Conselheiro uma condição, ao mesmo tempo, humana e mítica; iv) sabe-se que ele foi e é reconhecido como herói pela comunidade. Portanto, chegamos à conclusão de que esse é um dos cordéis que, além de reafirmar o *ethos* de guerreiro altivo, caracteriza-se como de intenção épica. Certamente, deve haver também seus pontos de desencontro, no entanto, quanto a isso, a passagem dos séculos lhe é permissiva.

### **Considerações finais**

As imagens discursivas acerca do homem nordestino e do Nordeste foram, ao longo do tempo, baseadas em tipos degenerados - como o ignorante, miserável, abatido e faminto - pautados em conceitos deterministas (de raça e meio) que se perpetuaram pelo mecanismo da memória e seus processos parafrásticos, fazendo o Nordeste ser visto como obsoleto, atrasado. Assim, esses *ethe*, ainda hoje percebidos no imaginário popular nacional, são resultados dos estereótipos criados numa época em que tais conceitos eram considerados aceitáveis, mas que, na segunda década do século XXI, já não fazem sentido serem retomados. No entanto, é o que se percebe, pois ainda é visto como algo atual, por conta da repetição de interdiscursos.

A obra de Patativa do Assaré, contudo, ajuda-nos a desfazer essas imagens e mostra-nos um outro *ethos* do nordestino: o de negligenciado; não de pedinte, mas sim de altivo guerreiro. Na construção desse *ethos*, ele acaba construindo uma identidade heroica para o povo nordestino, além de eleger verdadeiro herói épico, o aqui citado Antônio Conselheiro, e abre espaço, então, para se pensar em produções épicas atuais, considerando suas transformações ao longo do tempo.

### Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, D. M. de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011. 340 p.
- ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e Fulô**. São Paulo: Hedra, 2012. 312 p.
- CARVALHO, M. L. G. C. **A construção de uma discursividade feminista em Sergipe: A Revista Renovação na década de 1930**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.
- D NYS, E.; ENGLE, N.L.; MAGALHÃES, A.R. **Secas no Brasil: política e gestão proativas**. Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos- CGEE; Banco Mundial, 2016. 292 p.
- KOTHE, F. R. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 1987. 95p.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do *ethos*. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. [Orgs.]. **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ORLANDI, E. P.. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2001. 100 p.
- VASCONCELOS DA SILVA, A. A semiotização épica do discurso. In: SILVA, Anazildo Vasconcelos da. **Formação Épica da Literatura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Paco, 2017. Cap. 1. p. 9-29.
- SILVA, A. V. da; RAMALHO, C. **História da Epopeia Brasileira: teoria, crítica e percurso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. 352 p.